

Análise das estruturas causativas  
bieventivas em nyungwe  
*Analysis of the bieventive causative structure in Nyungwe*

Fábio Bonfim Duarte

*Universidade Federal de Minas Gerais,*  
Belo Horizonte, Brasil  
fbonfim@terra.com.br

Crisófia Cristovão Langa da Câmara

*Universidade Eduardo Mondlane,*  
Maputo, Moçambique  
languinha.cris@gmail.com

Tânia Valias

*Universidade Federal de Minas Gerais,*  
Belo Horizonte, Brasil  
taniavalias@hotmail.com

**Abstract:** This study provides a grammatical analysis of the causative clauses in Nyungwe. We assume that this phenomenon occurs by means of three different strategies: (i) lexical causatives; (ii) morphological causatives; and (iii) analytical causatives. The data confirm Haiman's (1983) iconic principle in the sense that lexical causatives encode direct causatives, whereas analytical causatives result in indirect causatives. Additionally, we show that morphological causatives differ in this regard since they are ambiguous. The reason is that they may indicate not only direct causatives, but also indirect causatives. In this sense, they are in an intermediate position in the scale of causativization. We also propose that the head of the CauseP projection is morphologically realized by means of the suffix {-is}  $\infty$  {-es}, while this same projection may be headed by the light verb *kucita* 'make' in analytical causatives. Another conclusion is that the head Cause<sup>o</sup>, in Nyungwe, may c-select

either a phasic vP or a phasic CP. Both options, of course, depend on the syntactic structure involved. This theory then opens a parametric setting not predicted by Pykkänen's (2008) analysis.

**Keywords:** Causativization; Nyungwe language; Bantu linguistic family.

**Resumo:** Este artigo fornece uma análise sobre as sentenças causativas em nyungwe. Assumimos que a causativização, nessa língua, pode ser realizada por meio de três expedientes gramaticais, a saber: (i) por meio de causativas lexicais; (ii) por meio de causativas morfológicas e (iii) por meio de causativas perifrásticas. Os dados corroboram o princípio de iconicidade proposto por Haiman (1983), tendo em vista que a causativa lexical codifica apenas causação direta, enquanto as causativas analíticas implicam uma causação mais indireta. Averiguamos ainda que as causativas morfológicas diferem das causativas lexicais e das causativas analíticas em relação a esse aspecto, pois são ambíguas, podendo codificar não só causação direta como também causação indireta. Assumimos que o núcleo da causativa morfológica se realiza por meio do morfema {-is ∞ -es}, enquanto esse mesmo núcleo se realiza por meio do verbo leve *kucita* 'fazer' nas causativas analíticas. Outra conclusão a que chegamos é que o núcleo Cause<sup>o</sup>, em nyungwe, pode c-selecionar um vP fásico ou um CP fásico. Esta teoria abre, portanto, uma possibilidade paramétrica de seleção do núcleo Cause<sup>o</sup> que não é prevista pela análise de Pykkänen (2008).

**Palavras-chave:** Causativização; língua nyungwe; família linguística bantu.

## 1 Introdução

Este trabalho tem por objetivo desenvolver uma análise sobre as propriedades das estruturas transitivas bieventivas na língua nyungwe. O propósito é mostrar que essas construções se realizam por meio de causativas lexicais, morfológicas e perifrásticas. A hipótese que sugerimos é a de que as causativas lexicais denotam causação direta, enquanto as causativas perifrásticas indicam uma causação indireta, confirmando, assim, o princípio de iconicidade proposto por Haiman (1983), segundo o qual as causativas menos complexas do ponto de vista morfossintático codificam causação direta, ao passo que as causativas mais complexas denotam uma causação indireta. Já as causativas morfológicas podem ser ambíguas em relação ao fato de que, dependendo de contextos extralinguísticos, podem acarretar tanto causação

direta quanto causação indireta. Outro objetivo da análise é demonstrar que, em nyungwe, o núcleo Cause<sup>o</sup> das causativas morfológicas sempre c-seleciona uma estrutura vP fásica em posição de complemento e que o núcleo Cause<sup>o</sup> das causativas perifrásticas c-selecionam uma estrutura CP fásica completa. Conforme veremos mais adiante, evidências a favor dessa hipótese advêm do fato de que advérbios de modo e advérbios orientados para o agente podem, sim, manter escopo orientado a DPs agentes que estejam no âmbito do domínio do predicado que é c-selecionado como complemento do núcleo Cause<sup>o</sup>.

O artigo está organizado em cinco seções. Na seção 1, tecemos considerações sobre a família linguística a que a língua nyungwe é afiliada. Na seção 2, apresentamos o quadro teórico que será utilizado no decorrer da análise do fenômeno. Na seção 3, efetuamos uma descrição geral sobre a estrutura morfológica do verbo em línguas bantu. Na seção 4, buscamos testar hipóteses gerativas sobre os tipos de seleção categorial que o núcleo Cause<sup>o</sup> realiza em nyungwe. Para tal, teremos em conta a proposta de Hale e Keyser (1993) e de Pylkkänen (2008). Por fim, na seção 5, arrolamos as considerações finais e, em seguida, listamos as principais referências bibliográficas consultadas.

## 2 Considerações sobre a língua nyungwe

O nyungwe é uma língua Moçambicana falada no centro do país, mais precisamente nas províncias de Tete e Manica. É idioma nativo de aproximadamente 457.290 pessoas, de acordo com os dados do Censo de 2007 (INE, 2010). Apesar de as pesquisas em torno das línguas moçambicanas estarem crescendo exponencialmente nas últimas décadas, principalmente por meio dos próprios linguistas moçambicanos, o nyungwe ainda possui poucos estudos gramaticais e muitos são os tópicos a serem explorados nessa língua. Por exemplo, o fenômeno sintático em tela neste artigo ainda não recebeu um tratamento de fôlego, já que pouco se sabe sobre as estratégias gramaticais de formação de estruturas causativas bieventivas.

Em um contexto mais geral, pode-se afirmar que as línguas moçambicanas fazem parte do grupo Bantu, um dos maiores e mais estudados agrupamentos linguísticos da África. A extensa área territorial e a intensa malha étnica do continente propiciam um ambiente que se assemelha a um caldeirão linguístico, com mais de 1500 línguas vivas atualmente. Para que fosse possível um estudo mais objetivo desse cenário, as línguas africanas foram integradas em cinco grandes famílias linguísticas, a saber: Afro-asiática, Nilo-sahariana, Níger-congo, Khoi-san e Astronesiana. Faz-se necessário destacar aqui que a família Níger-Congo foi, subsequentemente, subdividida nos subgrupos nígero-congoleses A e B, conforme delineado no mapa a seguir.

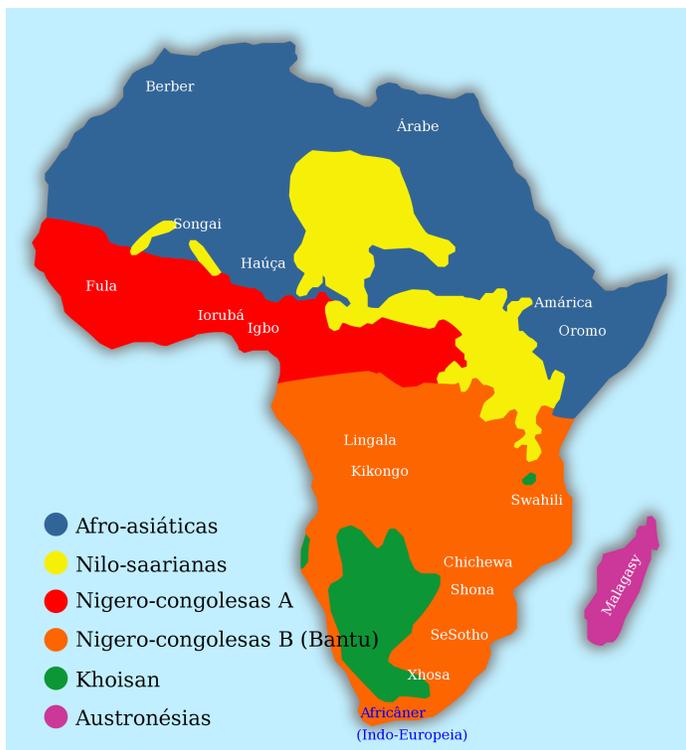


Fig. 1: Mapa das Famílias Linguísticas Africanas. Fonte: Béria Lima [GFDL (<http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html>), CC-BY-SA-3.0.

Tendo em conta o mapa da figura 1, observa-se que o grupo Bantu pertence ao subgrupo Níger-Congo B. Este subgrupo foi, por sua vez, reagrupado em zonas linguísticas geográficas, conforme a classificação de Guthrie (1967-1971). Nota-se que cada grupo de línguas é codificado por um número decimal sufixado à letra do código da respectiva zona e as línguas que a compõem são codificadas por meio de unidades dentro desse número decimal (NGUNGA 2004, 2014; REGO 2012). Destarte, pode-se afirmar que a língua nyungwe pertence à família linguística Níger-Congo B, grupo Bantu, subgrupo nsenga-sena, sendo identificada por meio do código N43. O mapa na figura 2 abaixo busca identificar as várias zonas linguísticas existentes em Moçambique.



Fig. 2: Zonas e subgrupos linguísticos de Moçambique. Fonte: [goo.gl/Ba6VbW](http://goo.gl/Ba6VbW). Consultada em 12 de Jan de 2017.

Após apresentar o panorama geral sobre a família linguística a que a língua nyungwe é afiliada e as zonas linguísticas existentes em Moçambique, passemos ao estudo gramatical das estruturas causativas que ocorrem em nyungwe. Antes, contudo, torna-se necessário uma breve descrição do aporte teórico básico por meio do qual a análise sobre o fenômeno da causativização se ancorará.

### 3 Aporte Teórico

Nesta seção, desenvolvemos uma descrição sobre o fenômeno da causativização, tema central deste estudo, tomando por base pressupostos teóricos que vêm sendo assumidos no âmbito da literatura linguística. Podemos afirmar que o fenômeno da causativização é um processo que pode alterar a valência de verbos inacusativos, inergativos e transitivos. Por valência verbal, entendemos a quantidade de argumentos que um verbo pode projetar em sua estrutura argumental. De maneira geral, são duas as principais maneiras de acrescentar a valência de um verbo, a saber: por meio de estruturas causativas ou por meio de estruturas aplicativas. Nesta

última, há introdução de um argumento aplicado, cujo papel temático pode variar entre beneficiário, alvo (=goal), instrumento, fonte, tempo, ou posse. No exemplo (1), vê-se que um DP beneficiário é acrescido à grade temática do verbo comer.

- (1) **Hasan w-a-dl-er-a Fátima manga mwa kufuna**  
 Hasan 1-IPASS-comer-APPL-VF Fátima 5-manga com vontade  
 ‘Hasan comeu manga em benefício de Fátima com vontade’.

Já as causativas consistem no que denominaremos, durante o decorrer deste artigo, de estruturas bieventivas. Tal terminologia se justifica porque, nessas orações, podem-se delimitar dois eventos bem distintos: o evento da causação e o evento causado. É a existência desses dois eventos que nos permite operar uma decomposição semântica do predicado do tipo [X cause Y to do something], de sorte que o evento da causação implica, em geral, a ocorrência do evento resultante, que rotularemos neste artigo de evento causado. Em conformidade com o que propõe Whaley (1997), as línguas tendem a apresentar estruturas causativas de algum tipo, sendo que o que as difere são os expedientes gramaticais que cada uma pode utilizar.

Nas próximas subseções, discutimos três tipos de recursos gramaticais para expressar o fenômeno da causativização, que são bastante utilizados na gramática de línguas naturais.

### 3.1 *Tipos de Causativas*

Em relação à tipologia das estruturas causativas, existem, pelo menos, três tipos principais de expedientes gramaticais para formação de orações causativas, a saber: causativa lexical, causativa morfológica e causativa analítica<sup>1</sup>. A causativa lexical caracteriza-se por não apresentar um morfema causativo específico na estrutura morfológica do verbo e se subdivide em homônima ou heterônima. Na causativa homônima, nota-se que o mesmo item lexical figura tanto na versão causativa transitiva quanto na versão intransitiva não causativa, conforme se vê pelos pares de exemplos a seguir:

- (2) a. John tripped.  
 b. Mary tripped John.

<sup>1</sup>Remetemos o leitor às obras de Comrie (1985), Payne (1997), Chabata (2007), Mugari (2012) e Song (1996), em que o fenômeno da causativização é extensivamente investigado, tendo em conta dados de vários tipos de línguas.

- (3) a. Foi a Eunice que me **acreditou** de novo na vida.  
b. Eu acreditei de novo na vida.
- (4) a. O Fábio me **trocou** de projeto.  
b. Eu troquei de projeto.
- (5) a. Esse sapato **dói** meu pé.  
b. Meu pé dói.

Já as causativas lexicais heterônimas diferem das causativas lexicais homônimas por acionarem dois verbos distintos, a saber: um que participa da alternância causativa e outro que codifica a versão intransitiva não causativa. Exemplos desse tipo de causativa correspondem aos pares verbais alternantes do inglês ‘show/see’; ‘kill/die’; ‘seat/sit’; ‘remember/remind’. Note que o primeiro membro do par permite claramente uma leitura bieventiva, de tal sorte que o verbo show, por exemplo, permite uma decomposição semântica em que se depreende a leitura de que [X cause Y to see]. O quadro 1, adaptado a partir de Garcia (2008:8-9), mostra pares heterônimos que podem ocorrer na língua portuguesa.

<b>Lexemas verbais</b>	
Não-causativos	Causativos
<i>Existenciais</i>	
nascer	parir
morrer	matar
desaparecer, sumir	esconder
<i>Epistêmicos</i>	
acreditar, crer	convencer
aprender	ensinar
conhecer	apresentar
ver	mostrar
<i>Direcionais</i>	
cair	derrubar
subir	levantar
entrar	colocar, enfiar
chegar, vir	trazer
ir	levar
sair	tirar, expulsar
voltar	devolver

Quadro 1: Pares causativos/não causativos heterônimos no português.

Há ainda o que a literatura linguística denomina de causativa morfológica<sup>2</sup>. Neste tipo de construção, o verbo sempre recebe um morfema causativo para expressar uma situação complexa, constituída de um evento da causação e de um evento causado. Em geral, quando esse morfema é concatenado à raiz verbal, um argumento com o papel temático de {agente/iniciador/causador} pode ser projetado na estrutura argumental do verbo, conforme se vê particularmente no exemplo (9b).

## (6) Árabe

- a. xarab  
ser mau
- b. xa-r-rab  
fazer maldade

## (7) Javanês

- a. bengok  
gritar
- b. be-bengok  
fazer gritar

## (8) Amharic

- a. gəbba  
entrar
- b. a-gəbba  
fazer entrar

## (9) Chichewa

- a. **Mtsuko**            **u-na-gw-a**  
o pote de água    1AGRS-PAST-cair-ASP  
'O pote de água caiu.'
- b. **Mtsikana** **a-na-u-gw-ets-a**                            **mtsuko**  
a menina    AGRS-PAST-AGRO-cair-CAUS- ASP    pote de água  
'A menina fez o pote cair.'

<sup>2</sup>Os dados de (6) a (9) foram retirados a partir do artigo sobre a realização do núcleo da concha v-VP em línguas tipologicamente distintas, o qual foi elaborado por Garcia (2008).

Por fim, o terceiro tipo de causativa, bastante relatada pela literatura tipológica, se refere ao que se rotula de causativas analíticas. Estas orações são estruturadas por meio de um verbo auxiliar com o significado equivalente a *fazer/causar/mandar* e um verbo lexical. Os dois itens podem, muitas vezes, constituir uma forte unidade sintática que não se pode quebrar, como é a situação, por exemplo, nos dados do italiano em (10):

- (10) a. **Elena fa lavorare Gianni**  
Elena faz trabalhar Gianni  
'Elena faz Gianni trabalhar.'
- b. **Elena fa riparare la macchina a Gianni**  
Elena faz consertar o carro a Gianni  
'Elena faz Gianni reparar o carro.'

É importante salientar que, nos dados em (10), o verbo lexical se incorpora a tal ponto ao verbo causativo 'fazer' que nenhum constituinte pode romper a unidade sintática que se forma entre os dois verbos. Tal hipótese fica particularmente instanciada porque, quando inserimos o DP sujeito 'Gianni' entre os dois verbos, o resultado é uma sentença agramatical, conforme se vê pelos dados em (11).

- (11) a. Elena fa \*Gianni lavorare.  
b. Elena fa \*Gianni riparare la macchina.

Passemos à discussão sobre a distinção semântica que as línguas naturais operam entre causativas diretas e indiretas. Veremos que as causativas diretas implicam uma força causativa maior quando comparadas com as causativas indiretas.

### 3.2 *Causativas diretas e indiretas*

Além das propriedades gramaticais relatadas acima, há de se observar que o fenômeno da causativização pode refletir sutilezas semânticas em relação à propriedade de controle que o argumento externo exerce sobre o evento. Nesta linha de investigação, a escolha no uso entre os vários subtipos de causativas não é completamente arbitrária nas línguas, mas, ao contrário, é sensível ao que a literatura tipológica denomina de *causação direta versus causação indireta*. A causação direta se refere a situações em que o DP agente tem controle sobre a ação sofrida ou desencadeada pelo DP afetado/paciente (= *causee*). Já a causação indireta é mais distante e menos direta, de sorte que o agente desencadeador não exerce controle sobre o argumento afetado, não importando se este é puramente um participante afetado ou se é um agente afetado no evento. Comparem-se os exemplos de causativas diretas e indiretas do português e do inglês em (12), (13) e (14):

- (12) a. O professor<sub>[+controle]</sub> expulsou o aluno da sala.  
 b. O professor<sub>[-controle]</sub> fez com que o aluno saísse da sala.
- (13) a. A mãe<sub>[+controle]</sub> vestiu a criança.  
 b. A mãe<sub>[-controle]</sub> fez com que a criança vestisse a roupa.
- (14) a. John<sub>[+controle]</sub> seated Mary at the table.  
 b. John<sub>[-controle]</sub> caused Mary to sit at the table.

É possível observar que, embora as sentenças (a) e (b) nos dados (12), (13) e (14) denotem uma semântica de causação, existe uma diferença sutil entre elas no que concerne o grau de controle que o DP agente exerce sobre a ação executada pelo argumento interno (=CAUSEE). Nesse sentido, é-nos possível afirmar que, nas sentenças em (a), o sujeito pode ser, sim, interpretado como sendo o causador direto da ação, já que atua diretamente sobre o resultado do evento de causação. Já as sentenças em (b) permitem a interpretação de que a ação do DP agente pode ter se realizado de maneira indireta, pois esse não possui controle total na execução do evento da causação. Em suma, os dados empíricos acima demonstram que o uso das causativas lexicais acarreta que o agente (=causer) possui a propriedade semântica de controle, enquanto que, nas causativas analíticas, o agente exerce menos controle sobre a ação. Esses exemplos demonstram que as causativas lexicais do português e do inglês estão correlacionadas à causação direta, enquanto as causativas analíticas relacionam-se à causação indireta. Essas conclusões coincidem, por sua vez, com o princípio de iconicidade proposto por Haiman (1983), conforme o qual, se uma língua utiliza mais de uma maneira para expressar sentenças causativas, a causativa que utiliza menos material mórfico será acionada para os contextos de causações diretas, enquanto as causativas analíticas, que são mais complexas do ponto de vista morfossintático, codificarão causações menos diretas. Tomando por base a proposta de Haiman, Whaley (1997:195) propõe o princípio de iconicidade, o qual regula a distribuição dos dois tipos de causativas. Consoante essa generalização, há estreita correlação entre a quantidade de morfologia empregada em cada língua e o fenômeno da causativização. Por conseguinte, pode-se concluir que a causativa direta está associada a menos material morfológico, enquanto a causativa indireta está relacionada a estruturas morfológicas mais complexas. Veja-se o quadro 2, adaptado de Whaley (1997:195), em que buscamos formalizar essa importante correlação gramatical.

TIPOS DE CAUSATIVA	FORMA	CAUSAÇÃO
<b>Lexical</b>	(x - “menor”)	[+DIRETA]
<b>Morfológica</b>	(y-z)	[+/-DIRETA]
<b>Analítica</b>	(y z) - “maior”)	[-DIRETA]

Quadro 2: Pirâmide Icônica de Haiman.

Tendo sido feitas essas ponderações preliminares sobre o fenômeno da causativização, interessa-nos agora investigar como o epifenômeno da causativização se realiza na gramática da língua nyungwe. Por esta razão, interessa-nos, nas próximas seções, delimitar (i) a estrutura morfológica do verbo; (ii) os tipos de causativas que a gramática da língua nyungwe disponibiliza; e (iii) os expedientes gramaticais utilizados para codificar as nuances semânticas acarretadas pelas construções causativas diretas e indiretas. Começemos, então, com a descrição do complexo morfológico verbal.

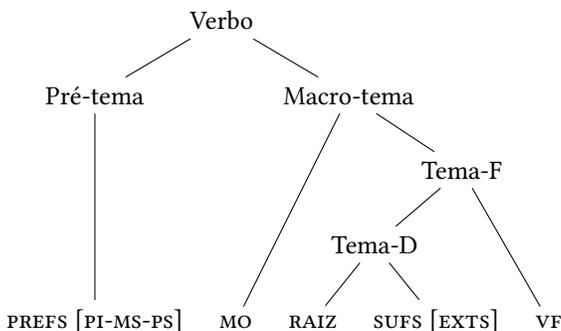
#### 4 Estrutura morfológica do verbo em nyungwe

Antes de apresentarmos os expedientes gramaticais que são utilizados para a formação das estruturas causativas em nyungwe, fornecemos um panorama geral sobre a morfologia dos verbos em línguas bantu. Tomando por base a análise de Hedinger (1985), Meeussen (1967) reconstrói a estrutura do verbo do proto-bantu e chega a uma estrutura morfológica com, pelo menos, dez slots mórficos, os quais devem figurar numa ordem linear bastante fixa e previsível, conforme mostramos a seguir:

##### ELEMENTOS QUE CONSTITUEM A MORFOLOGIA VERBAL EM LÍNGUAS BANTU

1. inicial
  2. pós-inicial
  3. formativo
  4. limitativo
  5. infixo
  6. radical
  7. sufixo
  8. pré-final
  9. final
  10. pós-final
- } Base

Acompanhando o essencial da proposta de Ngunga (2000; 2004) e de Ngunga e Câmara (2014), apresentamos, a seguir, o diagrama da estrutura mórfica do verbo em nyungwe, com o intuito de demonstrar como os itens acima podem figurar na ordem linear. Esse diagrama tem sido bastante usado na análise sobre as restrições de coocorrência das extensões verbais e dos demais afixos que podem figurar no complexo morfológico do verbo.



No diagrama apresentado acima, Tema F significa tema flexionado; Tema D corresponde ao tema derivado; MS indica marca de sujeito; PS se refere ao morfema que figura após a marca de sujeito e PI, ao morfema pré-inicial; MO é o slot de marca de objeto; os sufixos EXTs cobrem as extensões verbais, tais como, por exemplo, os sufixos aplicativos e causativos; e, por fim, o símbolo VF representa a vogal final. O esquema acima sintetiza a morfologia que ocorre na estrutura do verbo em línguas bantu em geral. No entanto, tendo em conta que o escopo desse trabalho é a análise das causativas e que os exemplos que serão arrolados nas próximas subseções trarão uma estrutura mais simples do verbo, adotaremos, doravante, o template morfológico abaixo para descrever a estrutura causativa do verbo em nyungwe.

#### ESTRUTURA DO VERBO EM ORAÇÕES CAUSATIVAS<sup>3</sup>

$$MS- \left\{ \begin{array}{l} MT/A \\ MM \end{array} \right\} MO-RAIZ-\underline{EV}-VF/MM$$

No complexo morfológico, delimitado acima, a marca de sujeito (MS) ocupa a posição inicial, acompanhada da morfologia de tempo-aspecto (MT/A) e das marcas de concordância de objeto (MO). Esta última sempre precede a raiz verbal. Do lado direito do verbo, figuram os sufixos correspondentes às extensões verbais e, por fim, pode ocorrer a vogal final. É possível, ainda, a ocorrência da sufixo {-e} que codifica a categoria gramatical de modo.

Na seção 4.1, a seguir, apresentamos uma análise dos tipos de causativas que ocorrem no nyungwe. Mostraremos que o nyungwe difere do português e do inglês, por apresentar três estratégias distintas de formação de orações causativas.

<sup>3</sup>Para mais detalhes, remetemos o leitor à análise de Ngunga e Câmara (2014:71).

#### 4.1 Tipos de Causativas em nyungwe

Acompanhando o essencial da proposta de (Câmara 2014), podemos afirmar que há em nyungwe, pelo menos, três tipos de expedientes gramaticais para formação de construções causativas, a saber: as lexicais, as morfológicas e as analíticas. Exemplos de causativas lexicais seguem em (15) e (16):

- (15) a. **bhola l(i)-a-boo-k-a**  
bola 5MS-IPASS-furar-EST-VF  
'A bola furou.'
- b. **Kapenu w-a-bool-a bhola**  
Kapenu 1 MS-IPASS-furar-VF bola  
'Kapenu furou a bola.'  
[lit: Kapenu fez com que a bola se furasse].'
- (16) a. **bzakubvala bz-a-ng'amb-ek-a**  
7-roupa 7MS-IPASS-rasgar-EST-VF  
'A roupa rasgou-se.'
- b. **mwana w-a-ng'amb-a bzakubvala**  
1-criança 1MS-IPASS-rasgar-VF 7-roupa  
'A criança rasgou a roupa.'  
[lit: A criança fez com que a roupa se rasgasse].'

Nos exemplos (15a) e (16a), a semântica de causação é codificada por meio da transitivização das raízes verbais *bool* 'furar' e *ng'amba* 'rasgar', as quais ganham uma leitura causativa ao introduzirem um argumento extra com a propriedade semântica de desencadeador. Chama nossa atenção o exemplo (15a), em que o prefixo de concordância da classe 5 é {*li-*}, o qual é constituído da consoante líquida /l/ e da vogal anterior alta /i/. Quando esta vogal entra em contato com a vogal central baixa do morfema de tempo {*-a-*}, ocorre um processo morfofonológico que leva à elisão da vogal anterior [+alta]. Tal processo evita a sequência indesejada de duas vogais, já que nessa língua se evita o aparecimento de duas vogais em núcleos silábicos. É por esta razão que emerge a forma verbal *l(i)-a-boo-k-a*, e não a forma \**li-a-boo-k-a* na constituição interna do verbo em (15a).

Diferentemente das causativas lexicais, nas causativas morfológicas, aciona-se o sufixo causativo {-is ∞ -es}. A distribuição de um ou outro alomorfe está diretamente condicionada à regra de harmonia vocálica, segundo a qual a qualidade das vogais que ocorrem na posição inicial dos alomorfes desse afixo é determinada pelas características fonéticas da última vogal do radical. Assim sendo, o alomorfe

{-is} é acionado sempre que a qualidade da vogal da raiz for [+alta] ou [+baixa], enquanto o alomorfe {-es}<sup>4</sup> figura em contextos em que a qualidade da vogal da raiz corresponde a uma vogal [+média] e em contextos em que a raiz é constituída apenas de segmento consonantal.

Em suma, se a última vogal do radical for média ([-alta, -baixa]), a vogal inicial do alomorfe da extensão causativa também será média, isto é, ([-alta, -baixa]). Todavia, se a última vogal do radical for [+alta] ou [+baixa], a primeira vogal da extensão será [+alta, +anterior]. Adicionalmente, o acréscimo desse morfema a uma base verbal afeta diretamente a valência do verbo. Sendo assim, quando esse morfema se junta à raiz de verbo intransitivo inergativo, do tipo de *thamang-* ‘correr’, esse verbo muda de intransitivo a transitivo causativo. O resultado dessa operação morfossintática é que um novo argumento, mais precisamente um DP agente [+DESENCADEADOR], é introduzido na estrutura argumental do verbo, emergindo, assim, uma construção transitiva causativa, conforme mostram os dados em (17) e (18):

- (17) a. **João a-da-thamang-a mwa pang’ono-pang’ono**  
 João 1MS-PASS-correr-VF lentamente  
 ‘João correu lentamente.’
- b. **Rita w-a-thamang-is-a João mwa pang’ono-pang’ono**  
 Rita 1MS-IPASS-correr-CAUS-VF João lentamente  
 ‘Rita causou João correr lentamente.’
- (18) a. **mwana w-a-gon-a**  
 1-criança 1MS-IPASS-dormir-VF  
 ‘A criança dormiu.’
- b. **baba w-a-gon-es-a mwana**  
 1-pai 1MS-IPASS-dormir-CAUS-VF criança  
 ‘O pai dormiu a criança.’  
 [Lit: O pai fez a criança dormir.]

O morfema causativo pode ainda se concatenar a bases verbais intransitivas inacusativas, do tipo de *gw* ‘cair’, fazendo emergir o verbo transitivo complexo *gw-es* ‘derrubar (=fazer cair)’, conforme mostram os exemplos arrolados conforme mostram os dados em (19):

<sup>4</sup>Faz-se importante salientar que a regra de harmonia vocálica só é aplicável a radical de estrutura {-CVC-} ou {-CVCVC-}. Caso o radical contenha estrutura com apenas uma consoante {-C-}, como é a situação do verbo {gw-} ‘cair’, usa-se a forma default do sufixo causativo, que é {-es}, pois neste caso não há vogal com a qual o afixo da extensão causativo se harmonize.

- (19) a. **poto l(i)-a-gw-a**  
5-panela 5 MS-IPASS-cair-VF  
'A panela caiu.'
- b. **mphaka y-a-gw-es-a poto**  
9-gato 9MS-IPASS-cair-CAUS-VF 5-panela  
'O gato derrubou a panela.'

O referido morfema pode ainda se juntar a bases verbais transitivas, situações em que surgem construções causativas complexas, constituídas de até três argumentos nucleares, a saber: um DP agente, um DP agente-afetado, e um DP afetado, conforme mostra a causativização da base transitiva *dy* 'comer', no exemplo em (20):

- (20) a. **Fátima w-a-dy-a manga**  
Fátima 1MS-IPASS-comer-VF 5-manga  
'Fátima comeu a manga.'
- b. **Hasan<sub>agente</sub> w-a-dy-es-a Fátima<sub>agente-afetado</sub>**  
Hasan 1MS-IPASS-comer-CAUS-VF Fátima  
**manga<sub>afetado</sub>**  
5-manga  
'Hasan fez a Fátima comer manga'

Além das causativas lexicais e morfológicas, há ainda em nyungwe estruturas causativas analíticas. Tal é a situação que ocorre nas sentenças (21) e (22), em que a estrutura causativa analítica é constituída do verbo *kucita* 'fazer', a qual vem seguida de uma oração complexa.

- (21) **Victor w-a-cit-a kuti João a-thamang-e**  
Victor MS-IPASS-fazer-VF que João 1MS-correr-MM  
**mwa pang'ono-pang'ono**  
lentamente  
'Victor fez (com) que João corresse lentamente.'
- (22) **Samaliya a-ndza-cit-a kuti mbwaya zi-mog-e**  
Samaliya 1MS-IFUT-fazer-VF que 1-cães 10MS-saltar-MM  
'Samaliya fez (com) que os cães saltassem.'

Diferentemente das causativas analíticas do italiano, em que se observa a incorporação do verbo lexical ao verbo causativo, nota-se que as causativas analíticas do nyungwe não apresentam incorporação sintática do verbo lexical ao verbo causativo *kucita* ‘fazer’. Evidência a favor dessa análise advém, em particular, do fato de que entre o verbo *kucita* ‘fazer’ e o verbo lexical pode, sim, ocorrer material interveniente, tais como a conjunção *kuti* ‘que’ e o DP que ocupa a função sintática de sujeito do verbo encaixado. Esta situação claramente demonstra que a causativa analítica envolve estruturas oracionais subordinadas muito mais complexas do que as da gramática do italiano. Ademais, o verbo lexical da estrutura encaixada pode vir flexionado para pessoa, tempo, aspecto e modo, situação que não é verificada nas causativas analíticas do italiano.

Na próxima seção, interessa-nos demonstrar se somente as causativas lexicais codificam a causação direta ou se também as causativas morfológicas codificam essa informação semântica.

#### 4.2 Causativas diretas e indiretas em nyungwe

Assim como ocorre no português, podemos assumir que a causativa lexical codifica a causação direta em nyungwe. Neste sentido, a única interpretação possível na sentença em (23) é a de que o DP agente *mwana* ‘criança’ possui controle sobre o evento da causação. Ademais, a natureza semântica do predicado só permite essa leitura, uma vez que o argumento interno, por ser um DP [-ANIMADO], não pode influenciar no controle que o sujeito agente exerce sobre o desenrolar do evento da causação. Ou seja, a semântica do verbo ‘*rasgar*’, no contexto apresentado, só pode acarretar a leitura de causação direta.

- (23) **mwana w-a-ng’amb-a bzakubvala**  
 1-criança 1MS-IPASS-rasgar-VF 7-roupa  
 ‘A criança rasgou a roupa.’

Já a causativa morfológica permite uma leitura ambígua a esse respeito, podendo veicular tanto uma semântica de causação direta como uma semântica de causação indireta. Para se apurar uma ou outra interpretação, o leitor precisará de dados do contexto extralinguístico. A título de exemplificação, vejamos as nuances semânticas que a sentença a seguir codifica.

- (24) **yavu w-a-mog-es-a ng’ombe**  
 1-avó 1MS-IPASS-cair-CAUS-VF 9-boi  
 ‘A avó fez saltar o boi.’

Conforme informação apurada a partir da intuição dos falantes nativos, a sentença em (24) pode codificar uma causação direta se, e somente se, o sujeito agente, representado pelo DP ‘a avó’, fizer o boi saltar de forma direta assustando-o, por exemplo. Ou seja, nestas circunstâncias, a avó executa a ação de forma direta e intencionalmente. Todavia, apura-se uma leitura de causação indireta, caso a avó faça o boi saltar sem que haja o controle de sua parte. Por exemplo, em tal contexto, é possível imaginar que o boi salta em decorrência de a avó ter esquecido um objeto no caminho, situação que o obrigou a saltar o obstáculo. Em tal situação, a ação que o boi executa foge do controle da avó.

Por fim, a causativa perifrástica (ou causativa analítica) implica uma causação indireta e um nível de controle mais reduzido por parte do sujeito. Tal é a situação que ocorre na sentença em (25), em que a estrutura causativa, constituída do verbo *kucita* ‘fazer’ e seguida de uma oração complexa, permite apenas uma leitura de causação indireta.

- (25) **Victor w-a-cit-a kuti João a-thamang-e**  
Victor 1MS-IPASS-fazer-VF que João 1MS-correr-MM  
**mwapang’ono-pang’ono**  
lentamente  
‘Victor fez (com) que João corresse lentamente.’

Na sentença do exemplo (25), o sujeito, representado pelo DP *Victor*, não possui controle sobre o resultado do evento descrito pelo predicado da oração encaixada. A razão é que o sujeito *João* pode decidir por não executar a ação imposta pelo sujeito da oração matriz, já que este último não tem o controle sobre o evento da causação.

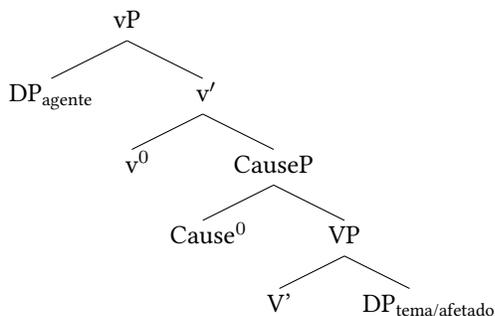
Em suma, os dados analisados até aqui também corroboram o princípio de iconicidade proposto por Haiman (1983), visto que a causativa lexical indica causação direta, enquanto as causativas analíticas pressupõem uma causação indireta, com um nível de controle menor por parte do sujeito agente. Neste ponto, as causativas morfológicas estão a meio caminho na escala de causação, já que são ambíguas, podendo codificar não só causação direta como também causação indireta.

Na próxima seção, tomando por base intuições advindas da teoria gerativa e os dados das causativas apuradas até o momento, temos por objetivo discutir o estatuto gramatical do morfema causativo {-is ~ -es} e delimitar o tipo de seleção categorial que o núcleo Cause<sup>o</sup>, projeta na sintaxe das sentenças causativas em nyungwe.

## 5 Propriedades gramaticais do complemento do núcleo Cause<sup>0</sup>

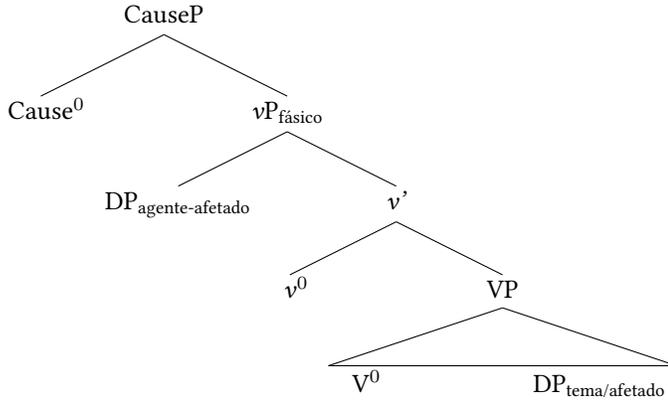
No âmbito da literatura gerativista, tem havido intenso debate sobre o estatuto do morfema causativo e sobre como ele contribui para o mapeamento sintático das sentenças causativas. Acompanhando o essencial das propostas de Hale e Keyser (1993) e de Pylkkänen (2008), assumiremos que o morfema causativo {es- ∞ is-} projeta um nível sintagmático acima do sintagma verbal (VP), o qual rotularemos, doravante, de CauseP. Esta projeção é responsável por codificar o evento da causação em estruturas causativas bieventivas e seu núcleo pode vir realizado pelo morfema causativo nas causativas morfológicas ou por meio do verbo causativo ‘fazer’ nas causativas perifrásticas. A estrutura sintática delineada em (26) busca dar conta do mapeamento sintático das estruturas causativas.

### (26) Construções causativas

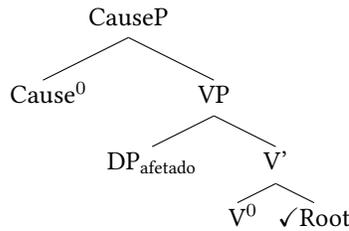


Outro tema de intenso debate, no âmbito da literatura gerativa recente, se refere ao tamanho do complemento que o núcleo Cause<sup>0</sup> pode c-selecionar na gramática das línguas naturais. No intuito de responder a essa questão, Pylkkänen (2008) propõe que a extensão do tamanho dos XPs que podem figurar como complemento de Cause<sup>0</sup> é um dos fatores que explica a variação paramétrica que se observa em relação ao fenômeno da causativização nas línguas do mundo. Para dar conta deste fato, a autora prevê que o núcleo Cause<sup>0</sup> pode efetuar, pelo menos, três tipos de c-seleção. No primeiro tipo, o núcleo Cause<sup>0</sup> pode combinar-se com uma estrutura vP completa, a qual deve conter um argumento externo agente-afetado (=CAUSEE) e um argumento interno. Esta estrutura é denominada pela autora como correspondendo a um vP fásico, por conter um nível sintagmático maior que um VP simples. Já no segundo tipo, o núcleo Cause<sup>0</sup> pode selecionar um VP simples sem a presença de um argumento externo agente. Por fim, no terceiro tipo de seleção, o núcleo Cause<sup>0</sup> pode combinar-se com uma raiz neutra acategorial. Os três tipos de seleções do núcleo Cause<sup>0</sup> são mostrados pelos diagramas arbóreos apresentados em (27), (28) e (29):

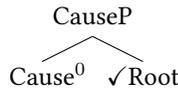
(27) Causativas que selecionam um vP fásico



(28) Causativas que selecionam um VP simples



(29) Causativas que selecionam raiz



Tendo em conta as assunções teóricas apresentadas acima, a questão que nossa análise precisa definir é qual tipo de complemento o núcleo Cause° das causativas do nyungwe pode c-selecionar. Por limitação de espaço e tempo, deixaremos de fora da análise o tipo de complemento com o qual o núcleo Cause° das causativas lexicais se junta. Focaremos, doravante, somente no tamanho do complemento do núcleo Cause° das causativas morfológicas e das causativas perifrásticas. Para tal, utilizaremos dois diagnósticos morfosintáticos que nos possibilitam identificar o tipo de c-seleção que o núcleo Cause° efetua nas causativas morfológicas. O primeiro deles tem a ver com o escopo de advérbios de modo e de advérbios orientados a agente. Em geral, o que a literatura estipula é que, se advérbios de modo puderem manter escopo sobre o evento causado, isto é sinal de que o complemento do núcleo Cause°

realmente corresponde a, pelo menos, um sintagma VP. Tal situação é corroborada pelo fato de que advérbios de modo poderem ter escopo orientado ao argumento externo do predicado que é c-selecionado pelo núcleo Cause<sup>o</sup>, conforme se vê pelos exemplos (30) a (32).

- (30) **Samu w-a-gon-es-a**                      **Samaliya mwa kudeka**  
 Samu 1MS-IPASS-dormir-CAUS-VF Samaliya de forma bonita  
 ‘O Samu fez a Samaliya dormir lindamente.’  
 ‘O Samu, lindamente, fez a Samaliya dormir.’
- (31) **Guilherme w-a-thamang-is-a**                      **João mwa pang’ono-pang’ono**  
 Guilherme 1MS-IPASS-correr-CAUS-VF João lentamente  
 ‘O Guilherme fez o João correr lentamente.’  
 ‘O Guilherme, lentamente, fez o João correr.’
- (32) **Hasan w-a-dy-es-a**                      **Fátima manga**  
 Hasan 1MS-IPASS-comer-CAUS-VF Fátima 5-manga  
**mwapagn’ono-pang’ono**  
 lentamente  
 ‘O Hasan fez a Fátima comer manga lentamente’  
 ‘O Hasan, lentamente, fez a Fátima comer a manga.’

Note que, nas sentenças acima, quando o advérbio de modo ocorre ao final da sentença há ambiguidade semântica em relação a qual argumento ele modifica. Em tais contextos, o advérbio pode modificar tanto o argumento que recebe papel temático de agente afetado, o *causee*, como o DP mais alto que recebe o papel temático de agente. Os testes apresentados já nos permitem adiantar a hipótese de que o núcleo Cause<sup>o</sup> das causativas morfológicas permite a seleção de um vP fásico em nyungwe. Essa hipótese é particularmente sustentada pelo fato de o núcleo Cause<sup>o</sup> dos exemplos (30) a (32) poder combinar-se com verbos inergativos e transitivos, os quais em geral selecionam um argumento externo com o papel temático de AGENTE. Desta maneira, quando esses verbos são causativizados, seus argumentos externos passam à posição de CAUSEE e recebem papel temático híbrido, apresentando a propriedade semântica [+DESENCADEADOR, +AFETADO], já que são afetados de alguma maneira pelo evento da causação.

Contudo, o advérbio pode manter escopo somente sobre o argumento externo [+AGENTE, +DESENCADEADOR], quando figurar em domínio sintagmático mais alto na sentença. Em tais configurações, o advérbio deve vir antes do sujeito ou entre o sujeito e o verbo, conforme indicam os exemplos (33) a (35):

- (33) **mwa kudeka Samu w-a-gon-es-a Samaliya**  
de forma bonita Samu 1MS-IPASS-dormir-CAUS-VF Samaliya  
'O Samu<sub>i</sub> fez, lindamente<sub>i</sub>, dormir a Samaliya.'
- (34) **Guilherme<sub>i</sub> mwa pang'ono-pang'ono<sub>i</sub> w-a-thamang-is-a**  
Guilherme lentamente 1MS-IPASS-correr-CAUS-VF  
**João**  
João  
'Guilherme<sub>i</sub>, lentamente<sub>i</sub>, causou o João correr.'
- (35) **Hasan<sub>i</sub> mwa pagn'ono-pang'ono<sub>i</sub> w-a-dy-es-a Fátima**  
Hasan lentamente 1MS-IPASS-comer-CAUS-VF Fátima  
**manga**  
5-manga  
'Hasan<sub>i</sub>, lentamente<sub>i</sub>, fez a Fátima comer manga.'

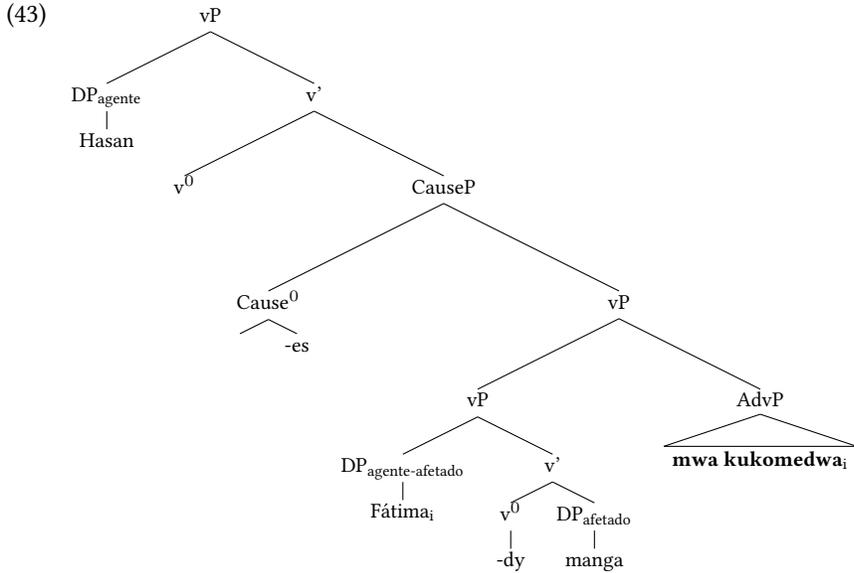
Para dar mais sustentação à hipótese de que o núcleo Cause<sup>o</sup> realmente seleciona um vP fásico em nyungwe, faz-se necessário diagnosticarmos se advérbios orientados a agente também podem manter escopo sobre o argumento externo de verbos inergativos e transitivos, os quais são selecionados pelo núcleo Cause<sup>o</sup>. De fato, tal previsão é confirmada. Para tanto, comparem-se os exemplos em (36), (37) e (38).

- (36) **Guilherme w-a-thamang-is-a João<sub>i</sub> mwa utowa<sub>i</sub>**  
Guilherme 1MS-IPASS-correr-CAUS-VF João de propósito  
(i) 'Guilherme fez o João correr de propósito.'  
(ii) 'Guilherme, de propósito, fez o João correr.'
- (37) **Hasan w-a-dy-es-a Fátima<sub>i</sub> manga mwa kufuna<sub>i</sub>**  
Hasan 1-MS-IPASS-comer-CAUS-VF Fátima 5-manga com vontade  
(i) 'Hasan fez a Fátima comer manga com vontade.'  
(ii) 'Hasan, com vontade, fez a Fátima comer manga.'
- (38) **Hasan w-a-dy-es-a Fátima<sub>i</sub> manga**  
Hasan 1MS-IPASS-comer-CAUS-VF Fátima 5-manga  
**mwa kukomedwa<sub>i</sub>**  
com felicidade  
(i) 'Hasan fez a Fátima comer manga com entusiasmo.'  
(ii) 'Hasan, com entusiasmo, fez a Fátima comer manga.'

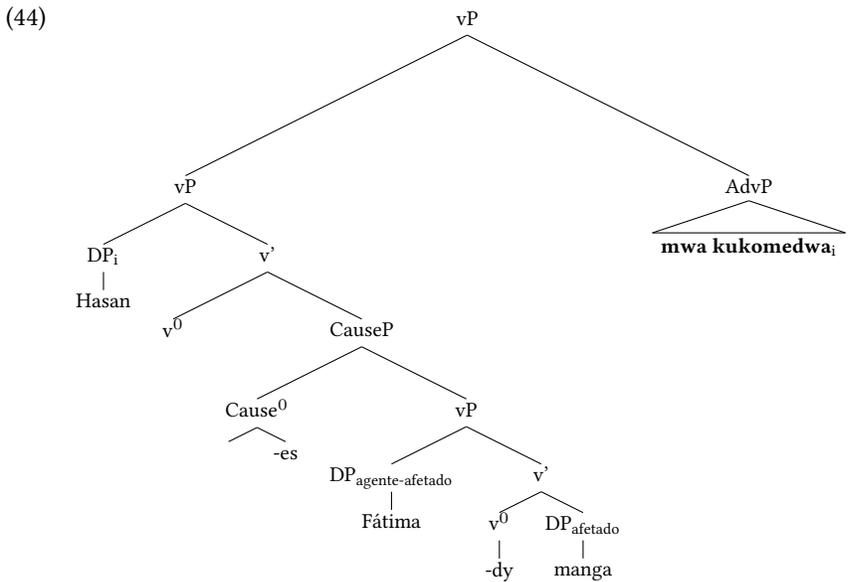
Entretanto, quando os advérbios orientados a agente figuram antes do sujeito ou vêm posicionados entre o sujeito e o verbo, nota-se que só podem modificar o DP agente que ocupa a posição sintática de sujeito mais alto, nunca o agente afetado, conforme mostram os dados de (39) a (42):

- (39) **Guilherme<sub>i</sub> mwa utowa<sub>i</sub> w-a-thamang-is-a João**  
 Guilherme de propósito 1MS-IPASS -correr-CAUS-VF João  
 ‘Guilherme, de propósito, fez o João correr.’
- (40) **Hasan<sub>i</sub> mwa kufuna<sub>i</sub> w-a-dy-es-a Fátima manga**  
 Hasan com vontade 1MS-IPASS-comer-CAUS-VF Fátima 5-manga  
 ‘Hasan, com vontade, fez a Fátima comer manga.’
- (41) **mwa utowa<sub>i</sub> Santa<sub>i</sub> a-da-gwat-is-a baba maluwa**  
 De propósito Santa 1MS-RPASS-cortar-CAUS-VF 1-pai 6-flores  
 ‘A Santa, propositadamente, fez o pai cortar as flores.’
- (42) **mwa kufuna<sub>i</sub> Hasan<sub>i</sub> w-a-dy-es-a Fátima manga**  
 com vontade Hasan 1MS-IPASS-comer-CAUS-VF Fátima 5-manga  
 ‘Hasan, com vontade, fez a Fátima comer manga.’

Tendo em conta a distribuição dos advérbios de agente acima, podemos concluir que esses itens apresentam a mesma ambiguidade que foi observada nos exemplos que contêm os advérbios de modo *lindamente* e *lentamente*. A razão é que os dois tipos de advérbios, quando figuram ao final da sentença, podem modificar tanto o agente mais alto como o agente-afetado. Esses fatos nos permitem, então, assumir que, de fato, o núcleo Cause<sup>o</sup> não c-seleciona um VP simples, mas, ao contrário, um vP fásico. Note ainda que as diferentes interpretações semânticas, apuradas acima, devem-se ao fato de que os advérbios se juntam em posições sintáticas distintas na estrutura. Em vista disso, para os contextos em que o advérbio ocupa a posição final de sentença, deve haver duas estruturas sintáticas abstratas. Na primeira, o advérbio **mwa kukomedwa** ‘com entusiasmo’ deve vir em adjunção ao vP do predicado encaixado, conforme mostra a representação sintática em (43):



Na segunda estrutura, o advérbio **mwa kukomedwa** ‘com entusiasmo’ deve vir em adjunção ao vP matriz, conforme demonstra o diagrama arbóreo em (44):



Já nos contextos em que os advérbios de agente e de modo só podem modificar o agente mais alto, uma hipótese plausível é assumirmos que estejam em adjunção ao nódulo T', quando figuram entre o sujeito e o verbo, conforme a representação sintática em (45), ou em adjunção a TP, quando vêm antes do sujeito, conforme se vê na representação sintática em (46).

(45) [<sub>TP</sub> *Suj<sub>agente</sub>* [<sub>T'</sub> **AdvP** [<sub>T'</sub> ... [<sub>T</sub> ... [<sub>vP</sub> ... [<sub>v</sub> ... [<sub>CauseP</sub> ... [<sub>vP</sub> *Suj<sub>agente-afetado</sub>* [<sub>VP</sub> *objeto* ]]]]]]]]]]

(46) [<sub>TP</sub> **AdvP** [<sub>TP</sub> *Suj<sub>agente</sub>* [<sub>T'</sub> ... [<sub>T</sub> ... [<sub>vP</sub> ... [<sub>v</sub> ... [<sub>CauseP</sub> ... [<sub>vP</sub> *Suj<sub>agente-afetado</sub>* [<sub>VP</sub> *objeto* ]]]]]]]]]]

Uma evidência adicional a favor da proposta teórica acima surge da morfologia que pode intervir entre a raiz e o morfema causativo. Consoante Pylkkänen (2008), a previsão é a de que causativas que selecionam vP fáscicos não apresentam restrições quanto à morfologia verbal que pode intervir entre a raiz e o morfema causativo. De fato, essa proposta se confirma porque o morfema recíproco {-an}, o morfema reverso {-ul}, o morfema de voz passiva {-edw} e o morfema de aplicativo {-ir} podem todos ocupar o slot que há entre a raiz e o morfema causativo, conforme vemos pelos exemplos de (47) a (51):

(47) **Kapenu w-a-put-an-is-a** **Fungulani na Maria**  
 Kapenu 1MS-IPASS-provocar-REC-CAUS-VF Fungulani com Maria  
 'O Kapenu fez com que alguém fizesse Fungulane e a Maria provocarem-se.'

(48) **Samu w-a-fung-ul-is-a** **Samaliya nsuwo**  
 Samu 1MS-IPASS-fechar-REV-CAUS-VF Samaliya 3-porta  
 'O Samu fez a Samaliya abrir a porta.'

(49) **mwana a-da-tenth-edw-es-a** **(na moto)**  
 1-criança 1MS-IPASS-queimar-PASSIV-CAUS-VF (com fogo)  
 'A criança foi feita queimar-se com fogo.'

(50) **baba w-a-mog-er-es-a** **Tsoka litsito**  
 1-pai 1MS-IPASS-saltar-APPL-CAUS-VF Tsoka 5-cerca  
 'O pai fez alguém saltar a cerca em benefício de Tsoka.'

(51) **Maria w-a-kumb-ir-is-a** **mwana pawu**  
 Maria 1MS-IPASS-pedir-APL-CAUS-VF 1-criança 6-pão  
 'A Maria fez alguém pedir pão pela criança.'

Em suma, os dados apresentados até o momento confirmam nossa hipótese de que o núcleo Cause<sup>o</sup> realmente seleciona um vP fásico em contextos de causativas morfológicas.

Após termos delimitado a extensão do complemento do núcleo Cause<sup>o</sup> nas causativas morfológicas, interessa-nos agora investigar se esse núcleo também seleciona um vP fásico nas causativas perifrásticas. Este será o tema de nossa análise na próxima seção. Nela, desenvolveremos a proposta teórica de que o complemento de Cause<sup>o</sup> não corresponde exatamente a um vP fásico, mas, ao contrário, equivale a um CP fásico.

### 5.1 *Tipo de seleção do núcleo Cause<sup>o</sup> nas causativas perifrásticas*

Em construções causativas perifrásticas, observa-se que o núcleo de CauseP vem realizado por meio do verbo causativo *kucita* ‘fazer’, o qual faz c-seleção de um CP oracional. Uma evidência a favor dessa hipótese surge do fato de o verbo encaixado poder vir flexionado para modo, tempo, aspecto e poder vir flexionado para o traço da classe nominal a que pertence o DP que ocupa a posição sintática de sujeito. Sendo assim, conclui-se que não ocorre incorporação do verbo lexical ao verbo causativo como se dá, por exemplo, nas causativas perifrásticas do italiano. Ademais, a posição de núcleo do CP pode vir realizada pelo complementizador *kuti* ‘que’, o qual pode interpolar entre o domínio vP da oração matriz e o domínio T-vP da oração encaixada, conforme mostra o exemplo a seguir:

- (52) **Victor w-a-cit-a kuti João a-thamang-e**  
Victor 1MS-IPASS-fazer-VF que João 1MS-correr-MM-com  
‘Victor fez (com) que João corresse.’

Note que o dado acima demonstra que o núcleo Cause<sup>o</sup> das causativas perifrásticas seleciona um CP fásico, já que este último apresenta categorias funcionais que um predicado fásico em geral possui. Ademais, advérbios de modo e advérbios orientados a agente exibem as mesmas distribuições sintáticas que ocorrem nas causativas morfológicas. Assim sendo, quando figuram ao final da sentença na ordem linear, mantêm escopo ambíguo, podendo modificar tanto o DP sujeito que ocupa a posição mais alta na estrutura como DP o sujeito que figura na posição sintática mais baixa. A título de exemplificação, comparem-se os exemplos a seguir:

- (53a) **Victor<sub>j</sub> w-a-cit-a kuti João<sub>i</sub> a-thamang-e mwa**  
Victor 1MS-IPASS-fazer-VF que João 1MS-correr-MM com  
**pang’ono-pang’ono<sub>i/j</sub>**  
lentidão  
‘Victor fez (com) que João corresse lentamente.’

- (54a) **Samaliya<sub>i</sub> a-ndza-cit-a kuti mbwaya<sub>i</sub> zi-mog-e mwa**  
 Samaliya 1MS-IFUT-fazer-VF que 9-cães 10MS-saltar-MM com  
**kankulumiza<sub>i/j</sub>**  
 rapidez

‘Samaliya fará (com) que os cães saltem rapidamente.’

- (55a) **mwana a-da-cit-a kuti mayi<sub>i</sub> a-(a)-pas-e yavu**  
 1-criança 1MS-IPASS-fazer-VF que 1-mãe 1-IPASS-dar-MM 1-avó  
**masawu mwa kukalipa<sub>i</sub>**  
 6-massanica com zanga

‘A criança fez (com) que a mãe, com raiva, entregasse massanica à avó.’

Todavia, a mesma ambiguidade semântica não se observa quando o advérbio ocorre entre o sujeito e o verbo causativo *kucita* ‘fazer’. Em tais contextos, a única interpretação semântica possível é a de que o advérbio modifica apenas o sujeito agente, que ocupa a posição sintática de sujeito da oração matriz, conforme mostram os exemplos abaixo.

- (53b) **Victor<sub>i</sub> mwa pang’ono-pang’ono<sub>i</sub> w-a-cit-a kuti João**  
 Victor com lentidão 1MS-IPASS-fazer-VF que João  
**a-thamang-e**  
 1MS-correr-MM

‘Victor, lentamente, fez (com) que João corresse’

- (54b) **Samaliya<sub>i</sub>, mwa kankulumiza<sub>i</sub>, a-ndza-cit-a kuti mbwaya**  
 Samaliya com rapidez 1MS-IFUT-fazer-VF que 9-cães  
**zi-mog-e**  
 10MS-saltar-MM

‘Samaliya, rapidamente, fará (com) que os cães saltem.’

- (55b) **mwana<sub>i</sub> mwa kukalipa<sub>i</sub> a-da-cit-a kuti mayi**  
 1-criança com zanga 1MS-IPASS-fazer-VF que 1-mãe  
**a-pas-e yavu masawu**  
 1MS-dar-MM 1-avó 6-massanica com zanga

‘A criança, com raiva, fez (com) que a mãe entregasse massanica à avó.’

Por conseguinte, o fato de advérbios poderem modificar DPs agentes que estejam na posição de complemento do núcleo Cause<sup>o</sup> e o fato de esse complemento poder vir encabeçado pelo complementizador *kuti* dão sustentação a favor de nossa hipótese de que o núcleo Cause<sup>o</sup> das causativas perifrásticas realmente c-selecionam um CP

fásico. Outra evidência a favor dessa análise advém do fato de esse CP conter núcleos funcionais que, normalmente, são projeções estendidas de vP, tais como T<sup>o</sup> e Asp<sup>o</sup>. Essa proposta abre, portanto, uma possibilidade paramétrica não prevista pela teoria desenvolvida por Pylkkänen (2008: 83-85), segundo a qual as seleções categoriais<sup>5</sup> do núcleo Cause<sup>o</sup> restringem-se (i) a vPs fásicos, (ii) a VPs sem agente e (iii) a raízes acategoriais. As causativas perifrásticas do nyungwe, portanto, contradizem essa previsão.

## 6 Considerações Finais

Neste artigo, apresentamos uma análise sobre as sentenças causativas em nyungwe. Assumimos que a causativização pode ser realizada por meio de três expedientes gramaticais, a saber: (i) por meio de causativas lexicais; (ii) por meio de causativas morfológicas e (iii) por meio de causativas perifrásticas. Os dados corroboram o princípio de iconicidade proposto por Haiman (1983), tendo em vista que a causativa lexical codifica apenas causação direta, enquanto as causativas analíticas implicam uma causação mais indireta. Averiguamos ainda que as causativas morfológicas diferem das causativas lexicais e das causativas analíticas em relação a esse aspecto, pois são ambíguas, podendo codificar não só causação direta como também causação indireta.

Assumimos ainda que o núcleo da causativa morfológica se realiza por meio do morfema {-is ∞ -es}, enquanto esse mesmo núcleo se realiza por meio do verbo 'kucita' nas causativas analíticas. Outra conclusão a que chegamos é que a ocorrência dos advérbios de modo e de agente em posição final da sentença leva sempre à ambiguidade semântica. Neste slot sintático, esses advérbios podem ter escopo tanto sobre o DP agente-afetado do complemento do núcleo Cause<sup>o</sup> quanto sobre o DP agente do núcleo vP da oração matriz, situação gramatical que nos permite postular que o núcleo Cause<sup>o</sup>, em nyungwe, c-seleciona um vP fásico ou um CP fásico. Uma ou outra opção dependerá do tipo de causativa que estiver na estrutura. Esta teoria abre, portanto, uma nova possibilidade paramétrica de seleção do núcleo Cause<sup>o</sup>, que não é prevista pela análise de Pylkkänen (2008).

---

<sup>5</sup>Em conformidade com Pylkkänen (2008: 83), podemos assumir o seguinte: 'The size of the complement of Cause constitutes a second source of crosslinguistic variation, here termed selection. In this respect, causative heads are argued to divide into three types: (i) those that are able to combine with constituents containing an external argument; (ii) those that select for VP lacking an external argument; and (iii) those that select for something even smaller than a verb, namely, a category-neutral root.'

## Abreviaturas

vP: little verb phase; VP: big verb phase; CP: complementizer phrase; DP: determiner phrase; IPASS: passado imediato, passado recente; APL: núcleo aplicativo; VF: vogal final; AGRS: concordância de sujeito; CauseP: causative phrase; Past: passado; ASP: aspecto; AGRO: concordância de objeto; CAUS: núcleo causativo; PI: pré-inicial; MS: marca de Sujeito; MO: marca de Objeto; PS: afixo de pós sujeito; SUFS: sufixos; EXTS: extensões verbais; VF: vogal final; Tema F: tema flexionado; Tema D: tema derivado; MT/A: marca de tempo e aspecto; EV: extensão verbal; MM: marca de modo; C: consoante; V: vogal; TP: sintagma de tempo; Suj: sujeito; AdvP: sintagma adverbial.

## Referências

- Comrie, B. 1985. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Chabata, Emmanuel. 2007. The Nambya Verb with Special Emphasis on the Causative. PhD Thesis. Oslo: University of Oslo.
- Câmara, Crisófia da. 2015. *As Implicações Sintáticas da Co-ocorrência das extensões Causativa e Aplicativa em Cinyungwe à luz do Princípio de Espelho*. In Ngunga, A. (ed.). 2015. *Elementos de Linguística Teórica e Descritiva das Línguas Bantu*. Coleção: As Nossas Línguas XIV. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM.
- Câmara, Crisófia da. 2016. *As Causativas Analíticas em Nyungwe: Uma proposta de análise (não publicado)*.
- Garcia, Mário. 2008. Proposta para a estrutura do sintagma verbal cindido: concha V-VP. *Revista Virtual dos Estudantes de Letras (Revele)*. Belo Horizonte, UFMG, Faculdade de Letras, 2008, Pp. 1-14.
- Guasti, Maria Teresa. 1997. *Romance Causatives*. In: *The new Comparative Syntax*: Longmann Linguistics Library.
- Guthrie, Malcolm. 1967/71. *Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages*, 4 vols. Letchworth UK & Brookfield VT: Gregg International.
- Haiman, John. 1983. Iconic and Economic Motivation. *Language* 59: 781-819.
- Hale, Ken; Keyser, Samuel Jay. 1993. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Ken; KEYSER, Samuel Jay (Org.). *The view from building 20*. Cambridge: The MIT Press.
- Hedinger, Robert. 1985. The verb in Akoose. *Studies in African Linguistics* 16 (1): 1-55.

- INE, Direcção de Estatística e Demografia, Vitais e Sociais (ed). 2010. *Recenseamento Geral da População e Habitação 1997: Resultados Definitivos*. Maputo
- Meeussen, A. 1967. *Bantu Grammatical Reconstructions*. Tervuren: Annales do Musée Royale de l'Afrique Centrale.
- Mugari, Victor. 2012. An Event Semantic Structure Analysis of Shona Causative Constructions. *International Journal of Linguistics* 4(2): 110-123.
- Ngunga, Armindo. 2014 *Introdução à Linguística Bantu*. 2ª edição. Maputo: Imprensa Universitária.
- Ngunga, Armindo. Câmara, Crisófia. 2014. Tempo e aspecto verbais em Cinyungwe: descrição preliminar. In Ngunga, Armindo. *Temas de Gramática de Línguas Bantu I*. Coleção: "As nossas Línguas XIII". Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA)-UEM.
- Ngunga, Armindo. 2004. *Introdução à Linguística Bantu*. 1ª edição. Maputo: Imprensa Universitária.
- Ngunga, Armindo. 2000. *Lexical Phonology and Morphology of the Ciyao Verb*. Leland Stanford University. California.
- Payne, T. 1997. *Describing Morphosyntax*. UK: CUP.
- Pylkkänen, Liina. 2008. *Introducing Arguments*. Cambridge: The MIT Press.
- Rego, Sóstenes. V. 2012. Descrição sistémico-funcional da gramática do modo oracional das orações em Nyungwe. Lisboa. Disponível em [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7530/1/ulsd064278\\_td\\_Sostenes\\_Rego.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7530/1/ulsd064278_td_Sostenes_Rego.pdf). Fonte consultada em 12 de jan. 2017.
- Song, Jung. 1996. *Causatives and Causation: Universal-typological Perspective*. New York: Longman.
- Whaley, Lindsay J. 1997. *Introduction to Typology. The unity and diversity of language*. SAGE Publications.

---

Recebido: 15/05/2017

Aprovado: 11/06/2017

---